

## “Ilhas” do Porto: permanência e transformação

*Joana Martins Pereira*

Arquiteta e mestranda em Arquitetura pela PUC-Rio  
Contato: martinspereirajoana@gmail.com

*Ana Luiza Nobre*

Arquiteta, Doutora em História, Professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Rio  
Contato: nobre@puc-rio.br

### RESUMO

O presente artigo parte das concepções de cidade e de evolução urbana de Aldo Rossi para discutir metodologias contemporâneas de projeto que levem em consideração as preexistências. A partir da análise da formação, permanência e transformação das “ilhas” no Porto, em Portugal, estudam-se dois momentos dessa tipologia: o projeto de Álvaro Siza para o Bairro da Bouça e o processo em curso de reabilitação das “ilhas” remanescentes.

Palavras-chave: tipologia, preexistência, Aldo Rossi, ilhas do Porto, Álvaro Siza.

### ABSTRACT

The present article is based on Aldo Rossi 's conceptions of city and urban evolution to discuss contemporary design methodologies that take into account preexistence. From the analysis of the formation, permanence and transformation of the “islands” in Porto, Portugal, two moments of this typology are studied: Álvaro Siza's project for the Bouça neighborhood and the process of rehabilitation of the remaining “islands” .

Key-words: typology, preexistence, Aldo Rossi, islands of Porto, Álvaro Siza.

## Uma ideia de cidade e de evolução urbana

“A cidade está na sua história”. A afirmação do arquiteto italiano Aldo Rossi (1931-1997), em seu livro “A arquitetura da cidade” (1966), expressa os questionamentos acerca da ideia de cidade iniciados na década de 1960, em meio à crise do movimento moderno na arquitetura. Seu livro é lançado na Itália no mesmo ano em que “Complexidade e contradição”, de Robert Venturi, é lançado nos Estados Unidos, e sucedido por outras publicações que, de maneiras diferentes, também discutiram a ideia de cidade no contexto do segundo pós-guerra com base na crítica ao idealismo modernista.<sup>1</sup>

Rossi desenvolve uma concepção de cidade e defende uma metodologia de projeto baseada na pesquisa científica, por meio da elaboração de conceitos que serão fundamentais em sua trajetória. Valendo-se dos estudos do pensador italiano Carlos Cattaneo (1801-1869), ele entende a cidade como “um imenso depósito de fadigas, obra de nossas mãos; mas, enquanto pátria artificial e coisa construída, também testemunho de valores, permanência e memória.” (ROSSI, 2016, p. 44). A cidade é vista, assim, como “algo que permanece através das suas transformações(…)” (ROSSI, 2016, p. 65). Uma manufatura de obra coletiva e constante, através da sobreposição das camadas da história, não sendo possível pensá-la a partir de uma folha em branco.

A partir do pensamento do também arquiteto italiano Ernesto Nathan Rogers (1909-1969) acerca das “preexistências ambientais”<sup>2</sup>, Rossi vai formular uma metodologia projetual que parte da análise das cidades existentes, atentando em particular para tipologias que permanecem ao longo do tempo por manterem uma relação com a cultura e com a memória do lugar.

Neste sentido, a pesquisa tipológica de Rossi equivale a ler a cidade a partir da sua história, buscando as formas e elementos que permanecem e são ressignificados,

enquanto as funções se alteram com o tempo.

O pensamento de Rossi tem relação com uma discussão sobre as preexistências que é fundamental no ambiente cultural italiano dos anos 1950-60, onde o embate com o passado é particularmente desafiador no segundo pós-guerra.

Para Rossi, não faz sentido preservar algo à maneira do passado. Os elementos urbanos possuem uma dinâmica que não deve ser fixada em uma tentativa de museificação contrária à ideia de cidade manufaturada, em constante transformação, que ele defende: “(...) (nesse estudo) não se estabelece nenhuma diferença entre cidade antiga e moderna, entre um antes e um depois, do ponto de vista do manufacto; (...)” (ROSSI, 2016, p. 163).

Para ressaltar essa posição, Rossi critica o que se entende por “ambiente”:

(...) o ambiente parece estranhamente ligado à ilusão, ao ilusório; (...) nada tem a partilhar com a arquitetura da cidade; é concebido como uma cena, e, enquanto cena, exige ser conservado mesmo nas suas funções. (...) esse conceito de ambiente é aplicado e recomendado, com frequência, por aqueles que pretendem conservar as cidades históricas. (ROSSI, 2016, p. 159).

Assim entendido, o ambiente não contribuiria para a evolução da cidade nem para o seu entendimento. Para Rossi, a análise das cidades deve partir antes do estudo da sobreposição dos rastros da história, da permanência dos tipos, das alterações nas funções e da singularidade dos fatos urbanos.

É com base nesse pensamento, e sua relação com o fazer arquitetônico contemporâneo, que vamos



outras, acessíveis apenas por um corredor estreito.

Essa organização espacial em forma de pente, com as casas em fiadas perpendiculares à rua, garantia rendimentos econômicos ao proprietário do lote, ao mesmo tempo em que mantinha as casas operárias escondidas dos olhos da rua, criando uma espécie de “gueto”. Em geral, a entrada nas “ilhas” se dava por portões estreitos. As casas não possuíam instalações sanitárias e os banheiros coletivos, em número menor que o de casas, geralmente eram instalados no final do corredor.

O prolongamento, por décadas, dessas condições de habitação se relaciona com a história política do país. Portugal viveu um longo período do século XX sob um regime ditatorial liderado por Salazar. Após 48 anos de opressão, um golpe militar, em 25 de Abril de 1974, deu início ao período democrático. Foi o Movimento das Forças Armadas (MFA) que liderou essa ação, mais conhecida como Revolução dos Cravos.

Quando estourou a Revolução, o panorama socioeconômico era crítico e o déficit habitacional chegava a 500.000 unidades, sendo a população total de 8.6 milhões à época. Faltavam programas sociais que promovessem a mobilidade social. Somente em 1968, o último presidente do regime lança o Fundo de Fomento à Habitação. Essa medida derradeira

pregava os preceitos modernistas de habitação, como o realojamento das famílias em bairros isolados nas periferias das cidades.

Pouco antes da Revolução dos Cravos, 60% dos operários do Porto viviam em “ilhas”. Essa estrutura urbana, característica da cidade do Porto, permitiu a permanência das populações pobres no centro da cidade, apesar da falta de condições básicas de sobrevivência.

Tal realidade só foi alterada depois da revolução, quando a demanda por habitação de qualidade e direito à cidade tornou-se o foco das pautas. Os moradores das “ilhas” portuenses tiveram papel central nessas reivindicações, organizando-se em associações de moradores e entoando o lema “casas sim, barracas não”. Foi também criado um programa nacional de habitação, denominado Serviço de Apoio Ambulatório Local, o SAAL. O programa tinha como princípio a participação dos moradores nos processos de projeto, em conjunto com um corpo técnico, e sua realocação em novas construções próximas às de origem.

Os desdobramentos projetuais gerados pelo envolvimento dos moradores e pelos diferentes contextos urbanos foram muito diversos, visto que não havia uma diretriz única quanto à forma, ao programa ou ao sistema construtivo. O programa



*Figuras: 04 e 05: Ilhas do Porto na década de 1970.*

Fonte: Acervo Alexandre Alves Costa



Fonte: imagem cedida pela autora

*Figuras: 06 e 07: Banheiros coletivos atualmente em desuso.*

teve uma curta duração, sendo interrompido bruscamente em 1976, longe de resolver o déficit habitacional da época. Deste modo, muitas “ilhas” continuaram existindo ao longo dos anos.

A despeito das políticas públicas seguintes e das mudanças nos indicadores sociais e na demanda habitacional, restam ainda hoje, no Porto, cerca de 930 “ilhas”, onde vivem mais de 10.000 pessoas, segundo estudo recente da Câmara Municipal. A condição atual das “ilhas” é bem diferente de décadas atrás, porém: os banheiros coletivos normalmente encontram-se desativados, por vezes usados como depósitos; muitas casas foram reformadas, tendo encanamento e sistema de calefação; o número de moradores por casa diminuiu, melhorando as condições de habitabilidade.

Em 2015, a Câmara do Porto encomendou um estudo denominado “‘Ilhas’ do Porto - Levantamento e Caracterização” com o intuito de mapear as condições atuais das ilhas e propor soluções. Os modelos de intervenção defendem, a depender do caso, desde a demolição até a reabilitação. A prefeitura começou, em 2016, um projeto-piloto ao reabilitar a Ilha de Bela Vista<sup>4</sup>. O mesmo modelo deve ser seguido para outras “ilhas” da cidade, mantendo os moradores originais e abrindo espaço para novos moradores.

Contrariamente às políticas anteriores de erradicação das ilhas - como o Plano de Salubridade das Ilhas (1956), o Plano de Melhoramentos do Porto (1956-1966) e o Plano Especial de Realojamento (PER), de 1993 -, hoje pensa-se também em seu potencial turístico. Já há roteiros guiados pelas ilhas<sup>5</sup>, e a reabilitação das casas começa a atrair o interesse pelo aluguel por temporada.

As obras não dependem apenas do poder público, já que muitas “ilhas” são de propriedade privada. Na Rua de São Victor, por exemplo, um projeto privado promoveu a reabilitação de uma “ilha”, transformando-a em residências artísticas.<sup>6</sup> Na mesma rua, uma “ilha” inteira foi convertida



Fonte: imagem cedida pela autora

Fig. 08: Ilha de Herculano em outubro de 2017.

em um hostel com 9 apartamentos<sup>7</sup>. Essas ações recentes mostram possibilidades e desafios atuais, modificando as funções e melhorando a qualidade das instalações, com novas entradas e pátios para iluminação e ventilação. Alguns portugueses, no entanto, já alertam para o processo de gentrificação em curso, em consequência da alteração do modo de vida tradicional das “ilhas”.

Uma das intervenções envolve o arquiteto Álvaro Siza, convidado em 2014 pelo escritório Pedra Líquida para projetar a reabilitação de um conjunto de “ilhas” do Monte da Lapa<sup>8</sup>. Anos depois de ter se tornado conhecido internacionalmente pelo projeto de habitações para realocar os moradores das “ilhas” no contexto do SAAL, o arquiteto agora é chamado a intervir diretamente sobre uma delas. O projeto engloba um apart-hotel de 8 casas, uma



Fonte: imagem cedida pela autora

Fig. 09 : Ilha de São Victor em outubro de 2017.

pousada de 6 quartos e um café miradouro. Para reduzir o risco de gentrificação, o projeto se propõe ainda a reabilitar 11 casas de uma “ilha” adjacente mantendo seus moradores no local. Os responsáveis pelo empreendimento defendem sua integração com o tecido residual envolvente como maneira de contrariar o padrão hoteleiro desenraizado do contexto urbano.

Siza já demonstrou grande capacidade de lidar com as “ilhas”, integrando-as à cidade, como no Bairro da Bouça. Ainda assim, há quem faça fortes críticas à ideia de juntar moradores originais com turistas em um mesmo complexo, como se estivessem a usar os moradores como parte do cenário de um “turismo dos modos de vida”. Para a arquiteta Joana Coutinho, a despeito da preocupação quanto aos moradores remanescentes, deve-se pensar se o



Fonte: imagem cedida pela autora.

*Fig. 10: Ilha de São Victor em outubro de 2017.*

turismo é a melhor solução para as “ilhas” vazias ou abandonadas.

Como parte da história e cultura do Porto, as “ilhas” expressam o pensamento de Rossi, de que “a forma dos lotes de uma cidade, a sua formação, a sua evolução, representa a longa história da propriedade urbana; e a história das classes profundamente ligadas à cidade” (ROSSI, 2016, p. 57). A preocupação com a turistificação e com a mudança no perfil dos moradores através de sua reabilitação é, portanto, compreensível, visto que muitos deles estão na mesma casa desde que nasceram, possuindo grande relação afetiva com o espaço onde cresceram.

### **Siza e o Bairro da Bouça**

O SAAL se diferenciou das demais políticas públicas relativas às “ilhas” por não defender sua erradicação e ir contra o deslocamento de seus moradores para bairros periféricos. O programa exigia que os



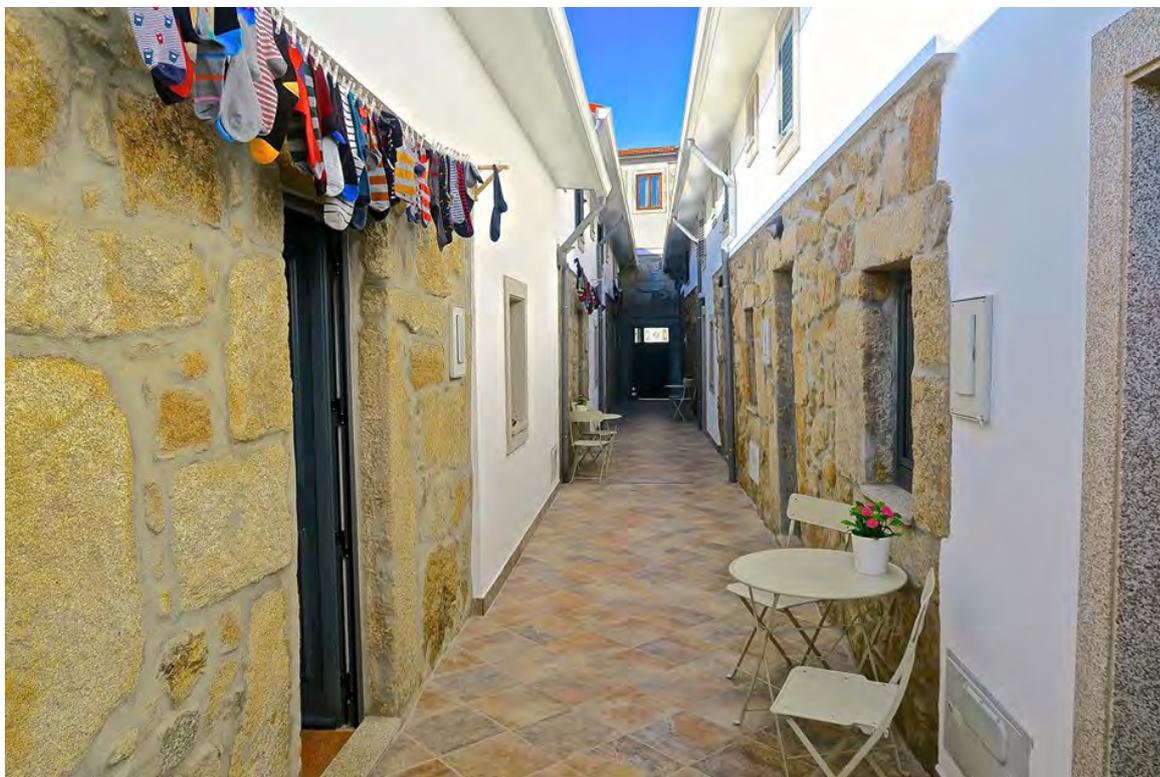
Fonte: imagem cedida pela autora.

*Fig. 11: Entrada da Ilha de Herculano em outubro de 2017.*



Fonte: Agência Lusa

*Figura 12: Imagens da reabilitação da Ilha de Bela Vista*



Fonte: <https://www.facebook.com/99ColoredSocks/>

*Figura 13: Hostel 99 Colored Socks.*

moradores se organizassem em forma de associação e solicitassem uma brigada técnica: grupo de trabalho formado por arquitetos, engenheiros e demais técnicos em conjunto com os moradores. Uma vez formada a brigada, começavam as negociações pelo terreno e financiamento e dava-se início ao projeto.

O arquiteto Álvaro Siza elaborou dois projetos para o SAAL, ambos no Porto: São Victor e Bouça. O terreno onde hoje se encontra o Bairro da Bouça estava inicialmente destinado a um empreendimento para funcionários do Ministério da Justiça. Esse projeto começou em 1973, ligado ao Fundo de Fomento de Habitação, com projeto dos arquitetos Siza e Francisco Guedes de Carvalho. Após a criação do SAAL, os moradores de “ilhas” próximas, que já haviam se organizado para ocupar prédios ociosos, mobilizaram-se para incorporar esse projeto ao programa. Eles se articularam em forma de associação e conseguiram que o projeto fosse englobado no SAAL, recebendo uma brigada técnica em fevereiro de 1975. No entanto, com o fim do programa, em 1976, as obras foram paralisadas, com apenas 56 unidades concluídas, do total de 128 previstas. O projeto permaneceu incompleto até 2001, quando foi retomado e finalizado em 2006.

O terreno está localizado em área central e muito valorizada do Porto. Sua forma trapezoidal é delimitada por duas ruas e pela via do metrô. As unidades, atualmente, estão implantadas em 4 blocos dispostos paralelamente entre si e alinhados a uma das ruas. Os blocos possuem comprimentos diferentes, indo de ponta a ponta do terreno, havendo quantidades diferentes de unidades em cada um deles. Todos os blocos são compostos por duas unidades duplex sobrepostas, totalizando 3 pavimentos. O acesso ao duplex superior se dá através de escadas nas laterais de cada bloco, que também possuem uma unidade comercial em sua extremidade.

Se observarmos as linhas de força do projeto, percebemos claramente a leitura que Siza faz do

tecido urbano envolvente. O projeto não está solto no terreno, não foi desenhado a partir da folha em branco. Siza busca referências no traçado das ruas, na volumetria dos quarteirões e nas preexistências vizinhas. Ele faz uma releitura da tipologia das “ilhas”, pensando não na sua precariedade e insalubridade, mas no valor de comunidade que enxerga aí.

No projeto de Siza, todas as unidades têm 3 quartos, sala, cozinha integrada e banheiro. Entretanto, a unidade inferior tem, no térreo, os dois quartos e banheiro e, no andar de cima, sala, cozinha e um quarto; enquanto a unidade superior tem sala, cozinha e quarto no primeiro pavimento e os outros 2 quartos e banheiros no pavimento superior. Todos os apartamentos possuem entradas nos dois níveis, sendo a entrada principal do apartamento inferior feita pelas escadas individuais que marcam a fachada dos blocos.

As unidades são organizadas em sentido transversal à circulação, com aberturas para os dois lados dos blocos. Essa implantação forma entre os blocos uma área de convívio aberta para a cidade: 3 pátios que podem ser acessados a partir de passagens no nível térreo de cada bloco, permitindo o cruzamento do espaço por qualquer um. À época da primeira fase de construção, o que hoje é a linha de metrô de superfície era uma linha de trem. Siza projeta um muro que protege acusticamente o conjunto da linha de trem, com passagens para os pátios. A inserção na malha urbana faz do projeto parte da cidade, sendo atravessado cotidianamente por seus habitantes, possibilitando e conectando caminhos.

Os pátios fazem clara alusão à organização das “ilhas” do século XIX, onde havia uma separação do espaço íntimo (interior das unidades) do espaço de convívio (pátio/corredor). Todavia, esse corredor nas “ilhas” era escuro, sem ventilação e insalubre, medindo em geral entre 1 e 2 metros de largura. Ao mudar sua dimensão e proporção - na Bouça, a distância entre os blocos é de 15 metros - o que antes era um beco é



Fonte: imagem cedida pela autora.

Figura 14: Um dos pátios do Bairro da Bouça, em outubro de 2017.



Fonte: produção da autora sobre imagem do Google

Figura 15: Linhas de força da implantação do projeto.

transformado em um pátio.

O pátio torna-se um espaço de transição entre o espaço público da cidade e o espaço de convívio comunitário, que favorece as trocas e relações comunitárias. Todas as unidades se abrem para esses pátios, conectando-se com eles visualmente e sonoramente. Em visita ao conjunto<sup>9</sup>, uma das moradoras relatou que os pátios apresentam diferentes usos. O pátio das escadas, por exemplo, é chamado pelos moradores de “estádio”, em função da posição das escadas e do hábito que se instituiu de usá-las para sentar e conversar com os vizinhos. Esse também é o pátio onde acontecem as tradicionais festas de São João, que atraem pessoas de toda a cidade e usam a cobertura do depósito semienterrado.

Outro artifício importante para fortalecer esse contato com a malha e a ambiência da cidade é a implantação de equipamentos localizados nas extremidades de cada bloco, no lado oposto à linha de metrô, criando uma transição entre o privado (o conjunto) e o público (a cidade). Diferentemente das “ilhas”, onde o encontro com a rua era bloqueado pelas casas burguesas que ocupavam a frente do lote, esses equipamentos não apenas abrem a visão para o interior do conjunto como tornam-se um ponto de atração para ele. Esses equipamentos, inicialmente, seriam usados pela Associação de Moradores, sendo previstos uma lavanderia, biblioteca local e a sede da cooperativa. Porém, eles foram convertidos em espaços comerciais que hoje abrigam escritórios de arquitetura, uma clínica dentária e uma agência de trabalho temporário.



Figura 16: Planta-baixa do nível 1 do Bairro da Bouça, na segunda fase.



Fonte: imagem cedida pela autora.

Figura 17: Pátio com gramado, em outubro de 2017.

### A cidade participa

Como se vê, a tipologia das “ilhas” está presente de forma intensa no projeto de Siza, porém isso de modo algum limitou sua ação projetual. As mudanças nas dimensões das áreas comuns e no encontro com a malha urbana geram uma nova maneira de se relacionar com a cidade e qualificam o habitar, reafirmando o conceito de tipologia de Rossi como algo que se conecta com o conceito de preexistência de Rogers. Ou seja, algo que tem permanência, e ao mesmo tempo admite transformação. Seguindo a trilha aberta por Rossi, nenhum dos dois projetos de Siza para o SAAL busca remeter ao passado de forma nostálgica, mas, sim, aprender com ele, citá-

lo e referenciá-lo. Para Siza, é essa continuidade que garante a evolução. Por isso é fundamental que tenha redesenhado o habitar em “ilhas” abrindo o projeto para a cidade, revisando sua tipologia. Ao contrário das “ilhas” originais, onde os habitantes permaneciam invisibilizados e marginalizados, a Bouça insere os moradores na cidade, fortalecendo os laços de cidadania e o convívio social e urbano. Essa ação projetual reflete o sentimento do 25 de Abril, que chama à ação seus moradores para se tornarem protagonistas da sua história. Os moradores se

tornam agentes, adquirem cidadania e passam a participar da vida da cidade.

Assim, ao ressignificar as “ilhas”, Siza contribui para a evolução da cidade como “locus da memória coletiva”, no sentido formulado por Rossi (ROSSI, 2016, p.171). Ao se abrir para a cidade, a Bouça expõe as tensões da Revolução dos Cravos, inscrevendo na malha urbana essa memória como esperança de uma cidade mais inclusiva e participativa.

Mais do que seus moradores, quem participa na Bouça é a cidade.



Fonte: imagem cedida pela autora.

*Figura 18: Escada de acesso às unidades e passagem entre blocos, em outubro de 2017.*

**Notas de fim:**

1. Dentre as quais destacam-se “O território da arquitetura”, de Vittorio Gregotti (1966); “A sociedade do espetáculo”, de Guy Debord (1967); e “O direito à cidade”, de Henri Lefebvre (1968).

2. Em texto publicado em 1955, “Le preesistenze ambientali e i temi pratici contemporanei”, Rogers diz que só é possível projetar considerando as pré-existências. Para ele, isso significa estar atento ao que sugere o ambiente, não só do ponto de vista físico, mas também afetivo, ligado à memória coletiva.

3. Esse estudo tem origem no Trabalho de Conclusão de Curso da autora, concluído em 2017 no DAU/PUC-Rio ([https://issuu.com/joanamartinspereira/docs/tcc\\_joanamartins\\_2017.2](https://issuu.com/joanamartinspereira/docs/tcc_joanamartins_2017.2)). A pesquisa prossegue atualmente como dissertação de Mestrado, também sob orientação da profa. Ana Luiza Nobre, na PUC-Rio.

4. <https://cerejeirafontesarchitects.com/pt/>

5. Pode-se solicitar a inclusão das ilhas, por exemplo, no roteiro guiado por um grupo de arquitetos que promove, desde 2012, caminhadas por pontos turísticos alternativos na cidade do Porto <https://theworsttours.weebly.com/>

6. <http://www.baau.pt/project/ilha-s-vitor/>

7. <https://www.facebook.com/99ColoredSocks/>

8. <https://www.facebook.com/99ColoredSocks/>

9. Como parte do processo de pesquisa, a autora visitou o projeto em outubro de 2017.

**Referências Bibliográficas:**

BANDEIRINHA, José António. *O Processo SAAL e a arquitectura no 25 de abril de 1974*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007.

COUTINHO, Joana. *As «ilhas» do porto e o turismo dos modos de vida*. 2017. Disponível em: <<http://www.revistapunkto.com/2017/09/as-ilhas-do-porto-e-o-turismo-dos-modos.html>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

FLECK, Brigitte; SIZA, Álvaro; WANG, Wilfried. *O'NFM 1 Bouça*: Bouça Residents Association Housing. Austin: The University Of Texas At Austin, 2008.

LEITÃO, Maria Margarida de Albuquerque. *O Bairro da Bouça: Um contributo para o entendimento do SAAL no debate da Habitação Social*. 2010. 194 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Ciências e Tecnologia da Uc, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/14066&gt;>. Acesso em: 07 mar. 2017.

Livro Branco do SAAL 1974-1976. Porto: FAUP Publicações, 1976

*O Processo SAAL: Arquitectura e Participação 1974-1976*. Porto: Fundação Serralves, 2014.

ROGERS, Ernesto Nathan. Le preesistenze ambientali e i temi pratici contemporanei. In: BIRAGUI, Marco. DAMIANI, Giovanni (org). *Le parole dell'architettura. Un'antologia di testi teorici e critici: 1945-2000*. Torino: Einaudi, 2009.

ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade*. Lisboa: Edições 70, 2016.

TEIXEIRA, MC. *Habitação popular na cidade oitocentista: as ilhas do Porto*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, [1995]., 1995. (Textos universitários de ciências sociais e humanas). ISBN: 9723107007.

VÁZQUEZ, Isabel Breda. CONCEIÇÃO, Paulo. (coord). *“Ilhas” do Porto: Levantamento e caracterização*. Porto: FEUP, 2015

**Referências Filmográficas:**

*PAREDES Meias (Bairro da Bouça - Siza Vieira)*. Direção de Sandro D. Araújo. [s.i.]:MUZZAK / CINEMACTIV e RTP 2, 2009. (52 min.), color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=M7ZY0K4hTeU>>. Acesso em: 20 julho 2017.

*VIZINHOS: A revolução e as casas de Siza na Bouça*. Direção de Cândida Pinto. Porto: Sic Notícias, 2016. (38 min.), color. Disponível em: <<http://sicnoticias.sapo.pt/programas/vizinhos/2016-05-28-Vizinhos-A-revolucao-e-as-casas-de-Siza-na-Bouca>>. Acesso em: 03 mar. 2017.